

ESPIRITUALIDADE DESDE O PONTO DE VISTA FILOSÓFICO: ALGUMAS APROXIMAÇÕES¹⁰⁶

Maria Verónica Pascucci¹⁰⁷

Resumo

O artigo trata dos nexos que tecem Espiritualidade e Filosofia percorrendo o caminho das significações atribuídas ao termo “alma”. Aborda aspectos históricos da noção de alma nas antigas tradições. Trata do surgimento da noção do Si Mesmo nos textos do Antigo Testamento e o surgimento da noção de Eu. Mostra aspectos que ligam a alma ao Coração, símbolo e representação máxima de todas as entranhas da vida. Tece correlação entre o coração e a noção de Ser, instância, segundo Heidegger, na qual o ser em seu apelo se faz ouvir: propriedade do si mesmo, casa do homem, estado de presença de si para si. Na abertura do homem para o si mesmo a experiência da verdade como doação de si pode ou não vir a acontecer.

Palavras-chave: Alma; si mesmo; ser; espiritualidade.

Abstrakt

Der Artikel befasst sich mit den Links, die Spiritualität und Philosophie weben. Es geht auf den Weg der zugeschrieben Bedeutungen auf das Wort Seele. Es diskutiert die historischen Aspekte des Begriffs der Seele in den alten Traditionen. Befasst sich mit der Entstehung der Vorstellung von der Selbst in alttestamentlichen Texten und der Entstehung des Begriffs der Selbst. Zeigt Aspekte, die die Seele auf das Herz-Symbol und die maximale Darstellung aller Mut des Lebensbinden. Webt Korrelationen zwischen dem Herzen und der Begriff des Seins, Instanz, nach Heidegger, in dem das Sein in seinem Appell gehört wird: Das Grundstück selbst, das Haus des Mannes, Präsenz-Status für sich. Öffnen der Mensch selbst für die Erfahrung der Wahrheit als Selbsthingabe kann oder kann nicht passieren.

Stichworte: Alma; sich; sein; spiritualität.

¹⁰⁶Trabalho apresentado no V Seminário Arte e Imaginário na Educação, na Universidade Federal do Maranhão, na Mesa redonda “Educação e Espiritualidade”.

¹⁰⁷Doutora em Educação pela UNESP/Marília, pesquisa relações entre Filosofia, Música e Espiritualidade na Educação. Professora do DEART/Música-UFMA. veronicapascucci@hotmail.com

Para falar da Espiritualidade desde o ponto de vista filosófico precisamos refletir a respeito das origens da filosofia, ou melhor, do nascimento da reflexão filosófica, pois é lá trás que encontraremos as nossas raízes e compreenderemos o caminho percorrido pela humanidade no que diz respeito à reflexão sobre a vida e seu sentido. Para tratarmos deste tema nos baseamos fundamentalmente nos estudos sobre a alma dos professores Luca Vanzago¹⁰⁸ e Giovanni Reale.¹⁰⁹

À luz desses dois autores iniciaremos então uma viagem que parte dos tempos em que os homens não faziam distinção entre eles, como individualidades e o mundo ao seu entorno. Aqueles homens sabiam que tudo é vivo, tudo é permeado pela vida. Assim, bem antes de surgir na história o termo Filosofia, eles eram cientes da força que “anima” tudo e todos os seres, isto é, há algo que dá vida a tudo que existe. Por causa destas premissas eles não se sabiam separados nem das criaturas nem das forças da natureza, nem do cosmo como aquele que os influenciava e guiava.

Em algumas culturas antigas as concepções de alma estão ligadas a questões referidas “aos sonhos, às premonições, às fantasias, às alucinações” (VANZAGO, 2012:16). Estas questões farão parte da reflexão filosófica por serem consideradas fonte de revelação e meio para alcançar a verdade sobre a natureza humana.

Um segundo elemento da reflexão filosófica buscará relações entre a morte e a existência da alma. O homem começa a se questionar a respeito da morte e do mistério que envolve a vida depois dela. Questões como a origem da existência, o sentido da mesma no decorrer da vida, o sentido e a causa dos acontecimentos que definem ou mudam o rumo da vida, todas estas questões começam a “inquietar”, “perturbar”, “incomodar”. Serão justamente esses questionamentos os que darão origem à reflexão filosófica como tal.

Para compreendermos esses questionamentos filosóficos é necessário entender alguns aspectos ligados à concepção de alma nas culturas da Antiguidade. Nessas tradições o termo foi utilizado para descrever a força que dá vida aos seres, às coisas, ao mundo. Assim, na tradição védica e segundo Vanzago, a alma é designada

¹⁰⁸Doutor em Filosofia e professor na Universidade de Pavia, na Itália.

¹⁰⁹ Filósofo italiano que apresenta uma nova interpretação das obras de Platão baseada nas chamadas *Doutrinas não escritas*.

como *manas* (órgão do pensamento), *asu* (vida) e *atman* (sopro). Prevaleceu o último termo abrangendo tanto a concepção do eu individual quanto o princípio cósmico absoluto, unindo-se, assim, uma equação entre identidade substancial da alma individual e da alma universal.

Já na cultura hebraica a alma é caracterizada como *neshamah* (sopro), *nephesh* (respiração) e *ruah* (sopro vital). Na Bíblia a *insufflatio* é a animação do corpo e a criação do homem enquanto indivíduo (VANZAGO, 2012:18). Encontramos no primeiro livro de Moisés, o Gênesis: “Então, formou o senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente” (GÊNESIS 2).

O termo *nephesh* associado à respiração mudou seu sentido e aparece nos textos tardios do Antigo Testamento relacionado ao *si mesmo*, isto é ao eu. Também o termo *ruah* refere-se à respiração vital, ao hálito divino presente em qualquer ser animado. Posteriormente o termo é associado àquele que respira, isto é, ao indivíduo. Segundo Vanzago, estes termos também estão relacionados de alguma forma ao termo “*coração*”, *leb* ou *lebab*, ligado aos aspectos emocionais e volitivos dos seres humanos, isto é, o coração representaria o homem na sua totalidade, na sua integralidade. Vanzago (2012:19) destaca que o coração também estava ligado aos aspectos cognitivos e a memória e que, naquele contexto cultural, quando se afirmava que o coração de alguém não funcionava isto significava que aquele indivíduo não era capaz de juízo. Neste sentido, o pensamento passará a estar associado ao coração e, portanto, a uma reflexão interior.

Na cultura Grega Arcaica havia inicialmente uma concepção dualista da alma. Ela era denominada *Psiche*, termo que designa, por um lado, a experiência da perda e do abandono, surge como uma sombra ou fantasma do que era a pessoa. O princípio vital de um corpo era a experiência da *psiche*. Este princípio rege as ações do corpo e seus movimentos, portanto manifesta-se em estados de vigília.

Por outro lado, a *psiche* era considerada como princípio separado e livre do corpo, desconectado por natureza do corpo. Assim, emerge durante o sono e conseqüentemente durante as atividades oníricas. Este conceito dará origem à

concepção moderna de pessoa, isso é indivíduo. Estas duas experiências, a *psiche* como princípio vital de um corpo e a *psiche* como princípio separado e livre do corpo, serão analisadas pela filosofia, embora a segunda, por estar perto da poesia e do mito, será deixada de lado.

Com Homero rompe-se a distinção entre vida corpórea e vida psíquica. O homem abarcaria em si diferentes aspectos, todos, porém, fazendo parte de um mesmo indivíduo. Para Homero, e segundo Reale (2002:59), *psiche* é a alma que anima o homem, situa-se num plano totalmente particular, “enquanto refere-se, sobretudo, ao homem morto”. Assim *psiche* é o aspecto de alma livre, a individualidade da pessoa, o *coração* é o órgão físico dos sentimentos e afetos, *thymos*, ligado ao ânimo, é o lugar das emoções por onde os deuses se manifestam aos homens e *phrenes* ligado à mente humana. Finalmente, o *noûs*, o centro, órgão mais elevado do homem que representa o lugar onde nascem pensamentos e conceitos, área da criação e, por outro lado, atividade de recolhimento, reflexão e acolhimento. Fundamentalmente, para Homero, *thymos* e *noûs* designam o espírito, o primeiro apontado como órgão anímico-espiritual, responsável pelos movimentos, reações e emoções, o segundo como origem dos conceitos e lugar onde se recebem as impressões. Assim sendo, *thymos* é emocional e *noûs*, intelectual. Reale (2002:59) acrescenta ainda dois termos: *menos*, energia vital que permeia tanto órgãos físicos quanto espirituais e *kephale*, referido à cabeça e a pessoa em geral.

Já com Heráclito surge a ideia do movimento, da mudança, do eterno devir. A alma é princípio mutável de vida e sua unidade corresponde à sua capacidade de ter um *logos*. Assim cria-se um nexo entre *logos* e *psyche*. Para alguns historiadores “é a primeira vez na história do pensamento grego que se vê o homem explicitamente como tendo um si central” (VANZAGO, 2012:27). Com Heráclito aparece a junção entre alma e discurso/linguagem e a noção de “si mesmo” como aquilo que pode ser experienciado. Assim, a alma é levada ao campo do *logos*. Segundo Heráclito a *secura* da alma permite filosofar e raciocinar tendo em vista que a alma é um sopro úmido. Quanto mais úmida, mais propensa à poesia.

Esta noção do homem como tendo um “si mesmo” será aprofundada com Sócrates e estará intimamente ligada à ideia de alma. O termo alma irá adquirindo uma dimensão espiritual e ajudará a compreender a noção de si mesmo. Isto é, há uma profunda relação entre alma, si mesmo e espiritualidade. O si mesmo, a alma, será o lugar onde o homem pode se encontrar com a verdade. Com Sócrates há um ponto de inflexão sem volta no que se refere à alma associada agora ao Eu, à individualidade humana. Através da Poesia Trágica e seu efeito pedagógico ele enfatiza e re-define o campo semântico da alma como individualidade apontando para as consequências políticas, sociais e éticas do ser humano. Os efeitos disso chegam até nós. O ponto de inflexão se resume numa tese: o homem é a sua alma, a natureza do ser humano está na sua alma.

Como chegar à alma? Com Sócrates e os filósofos posteriores se desenvolvem as práticas do cuidado de si como meio para chegar à verdade, pois elas permitem um saber sobre o mundo como experiência espiritual do sujeito. O cuidado de si, o cuidado da alma, será uma das bases espirituais sobre as quais irá se constituir a consciência da Europa.

Levando-se em consideração o exposto até aqui podemos deduzir que a reflexão propriamente dita sobre a alma seguiu um percurso ao longo das culturas antigas. Inicialmente ela é vista como sopro e respiração: hálito, *Atma* ou *Atman*. Esta noção sofreu um deslocamento quando passou a ser considerada “força vital”. Haverá, ainda, um segundo deslocamento do conceito de alma, com Sócrates, quando esta passa a ser considerada como o Eu.

Paralelamente a esses deslocamentos há um aspecto que liga a alma ao coração. O professor Castro e Silva afirma ser o coração o nó que mantém juntos Deus e o homem e esclarece que nas várias tradições lingüísticas a palavra *coração* significa canal, meio, eixo. Nota, ainda, que em algumas culturas o coração é ao mesmo tempo “víscera de carne e órgão regulador do pensamento” (CASTRO E SILVA, 2006:24). Reale (2002:59) aponta que na obra de Homero o coração é considerado órgão e sentimento ao mesmo tempo e traz uma citação de Böhme para exemplificar:

Coração – expresso com os termos *kradie*, *ker*, *etor*, substancialmente sinônimos – além de órgão físico, é entendido também como órgão de sentimentos e de afetos: a ele se remetem “alegria”, “dor”, “espanto”, “medo”, “cólera”, “ódio”, “crueldade”, “avidez”, “raiva”, atitude de “conciliação”, “ternura”, “perseverança” (BÖHME apud REALE, 2002:59).

O aspecto que liga a alma ao coração é o ritmo, pulsação – o tom do coração, a ideia de cavidade do coração, o dentro do dentro, um centro no centro. Para Maria Zambrano:

O que primeiro sentimos na vida do coração é a sua condição de escura cavidade, de recinto hermético: Víscera; entranha. O coração é o símbolo e representação máxima de todas as entranhas da vida, a entranha onde todas encontram a sua unidade definitiva e a sua nobreza (ZAMBRANO, 2000: 23).

Segundo a autora o coração possui um *dentro*, obscuro, misterioso e secreto que, em algumas ocasiões, se abre, doa-se num ato de extrema generosidade, dádiva gratuita, realização de supremo amor. Pelo fato de poder abrir-se na sua doação, o coração parece ser além de órgão, vibração pura.

Entendemos haver aqui, e ao falar do coração, uma íntima relação com a instância, segundo Heidegger, na qual o ser em seu apelo se faz ouvir: propriedade do si mesmo, casa do homem, estado de presença de si para si. Abertura do homem para o si mesmo. Para Heidegger o homem é a abertura para o si mesmo. E nessa abertura o ser é experimentado na sua verdade. Aquilo que se doa é o ser mesmo e essa doação é vazio, isso somos nós, isso é a nossa existência. Dádiva é ser. Neste recinto, nesta instância do ser, o sagrado pode ou não vir se revelar. Somente nesse recinto, não como lugar, mas como estado de presença, é possível realizar a presença ou ausência de Deus, pois Deus só pode dar-se no humano, o sagrado se manifesta através do homem. Já apontava Mestre Eckhart que Deus não existe lá fora, nem na mente, nem no mundo. Deus só pode dar-se no humano. Por isso “nenhuma saída pode ser tão nobre quanto à permanência em si mesmo” (ECKHART, 2004:6).

Permanecer em si mesmo nos dias atuais pode ser uma experiência insuportável. O apelo da sociedade foi nos levando para bem longe de nós mesmos, tornamo-nos apátridas porque abandonamos a nossa casa, o único lugar onde pode ou

não se revelar a verdade do ser, a verdade do si mesmo, a verdade da nossa alma. Nas concepções modernas o lugar da alma transformou-se em projeto de gerar uma fundamentação científica rigorosa do saber. Ela passa a ocupar um lugar na metodologia, para o qual é preciso objetividade e mensuração. Assim sendo, a alma é um elemento perturbador do método: sendo ela des-corporeizada, imaterial e invisível se dá tão somente no campo da subjetividade, não podendo, portanto ser medida, sujeitada ou reduzida a medições objetivas.

Voltar a encontrar a nossa alma, o nosso ser, requer uma viagem de retorno, um salto de coragem e abandono, como aponta Heidegger “para lá onde já fomos admitidos: ao pertencer ao ser” (HEIDEGGER, 2009, p. 45). Sabemos que ouvir a voz da nossa alma, o apelo do nosso ser, pode ser um tormento, um chamado que faz a nossa vida tremer. Nada é mais terrível e nem mais elevado do que viver como Indivíduo, afirmava Sören Kierkegaard, ao se referir ao Cavaleiro da Fé, aquele que “dispõe em tudo e para tudo só de si mesmo; ai está o terrível da situação”. No contexto da nossa temática, ser Cavaleiro da Fé significa ser conseqüente com o apelo do ser, com a voz da nossa alma. “O cavaleiro da fé permanece na solidão do universo, não escuta uma voz humana, avança sozinho com a sua tremenda responsabilidade. Não encontra outro sustentáculo a não ser si mesmo” (KIERKEGAARD, 2008:73).

Permanecer na solidão do universo é entrar no deserto da existência, ser o próprio sustentáculo: eis o caminho para ouvir a nossa própria voz, aquela que quando ouvida se transforma em luz que orienta, indica o caminho, dá as forças necessárias para sustentar a travessia, devolve à vida o seu verdadeiro sentido.

Referências

CASTRO E SILVA, Gustavo de. **O Mito dos nós**. Brasília: Editora Universa, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Que é isto – a filosofia? identidade e diferença**. Trad. de Ernildo Stein. 2ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, São Paulo, Livraria Duas Cidades, 2009.

MESTRE ECKHART. **Sobre o desprendimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KIERKEGAARD, Sören. **Temor e tremor**. São Paulo: Editora Hemus, 2008.

REALE, Giovanni. **Corpo, alma e saúde**: o conceito de homem de Homero a Platão. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Paulus, 2002.

VANZAGO, Luca. **Breve história da alma**. Tradução de Fernando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

ZAMBRANO, Maria. **A metáfora do coração**. 2ª Edição. Tradução de José Bento. Lisboa, Assírio & Alvim, 2000.